

Aula1

(0:00 - 0:37)

Bom, vamos dar início ao nosso curso de introdução à vida intelectual. Para quem não me conhece ainda, eu sou o Bruno Magalhães, sou formado em direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, estudo há bastante tempo filosofia antiga, tenho feito, faço mestrado na área, na PUC de São Paulo, e nos últimos anos venho estudando sobre fundamentos, objetivos e princípios do que se tem chamado hoje vida intelectual. Muito por conta do sucesso editorial do livro, do relançamento do livro do padre Antônio Sertilange, que tem esse mesmo nome.

(0:38 - 1:07)

Nesses estudos que eu tenho feito ultimamente, eu sigo uma sugestão do professor Olavo de Carvalho, numa aula do curso de filosofia, em que ele disse que havia um campo ainda inexplorado hoje daquilo que ele chamou de zetologia. Zetologia seria um conjunto de princípios em torno da ciência da busca. Ciência ou arte, é preciso definir isso ainda, a pesquisa ainda está em andamento.

(1:07 - 1:25)

Mas, enfim, é a tentativa de arregimentar alguns princípios, fundamentos e métodos em torno da busca pelo conhecimento. Nesses estudos, eu pressuponho basicamente duas coisas. Primeiro, todos nós temos experiência com o ensino formal.

(1:25 - 2:01)

Nós sofremos 10, 15, 20, até 25 anos em colégios e faculdades e sabemos que é muito diferente estudar sob a tutela, a supervisão de um professor, que então vai traçar um plano de estudos para o semestre, vai indicar uma bibliografia e, ao final, vai aferir o seu rendimento por uma avaliação. É muito diferente essa atividade da atividade de você estudar sozinho, em que você mesmo precisa traçar o seu plano de estudos, precisa escolher os seus livros e a ordem em que ler. Também é importante saber a ordem.

(2:02 - 2:34)

E, ao final, também, ou no meio do caminho, tem que avaliar o seu rendimento. São atividades muito diferentes e eu pressuponho, então, que a elas se aplicam princípios, métodos e fundamentos também diferentes. E também pressuponho que, muito embora nos últimos anos se tenham publicado muitos livros sobre esse assunto, a verdade é que muitas pessoas ainda estão perdidas, desorientadas e não conseguem aplicar os princípios que estão nesses livros na sua própria vida.

(2:35 - 2:56)

Certa vez perguntaram a um romancista por que os escritores sempre escrevem sobre os mesmos assuntos, traição, guerra, amizade, inimizade. E a resposta dele foi interessante. Bom, os escritores já escreveram sobre esses assuntos realmente no passado e ainda escrevem hoje porque as pessoas se esquecem disso.

(2:57 - 3:22)

As pessoas leem os livros e se esquecem dos assuntos, se esquecem do tratamento que é dado a esses assuntos. Então, é sempre preciso renovar a nossa visita a esses assuntos. Então,

com esses dois pressupostos, tenho estudado bastante sobre isso e tenho segurança para dizer, então, que esse curso pode ser útil a alguns tipos de pessoa.

(3:24 - 3:55)

Para delimitar qual é o público-alvo desse curso, quem pode se aproveitar dele, eu vou utilizar uma metáfora que não é nova, é a metáfora da festa, do banquete. Desde Platão, pelo menos, a festa, um simpósio, serve para simbolizar as discussões intelectuais. Então, a ideia aqui é simbolizar esse banquete, essa festa, esse lugar especial onde estamos tentando entrar como o nosso destino geográfico.

(3:56 - 4:29)

Acontece que muitas pessoas ficam ali muito tempo na ante-sala, ficam ali na sala de espera, tentando olhar se vale a pena entrar nesse ambiente de estudos, ou se, de fato, é apenas uma fantasia, não é a dela. Então, esses dois ambientes vão simbolizar para a gente dois lugares onde nós, onde eu, onde você, eventualmente nos localizamos. Então, qual é o público-alvo desse curso, segundo eu imagino? Aquele grupo de pessoas que sequer entrou na ante-sala ainda.

(4:30 - 5:12)

São pessoas que já assistiram a um documentário, escutam um amigo falar de um assunto, de um jeito diferente e gostam do ritmo, gostam de saber mais um pouco sobre as coisas. Talvez já comprou algum livro, mas ainda não sabe bem de que se trata, que história é essa de estudar? Eu não vou ter um diploma ao final disso? Para que eu vou fazer isso com a minha vida? Gastar um tempo da minha vida em que eu poderia estar fazendo outra coisa e me dedicar a esses estudos? Bom, esse curso pode, talvez, indicar para você de que se trata. Eu vou passar muitos exercícios a partir da segunda aula e você vai poder avaliar, então, o seu caso, se vale a pena entrar nesse ambiente dos estudos, nesse jantar, nesse banquete, digamos assim, para começar a estudar.

(5:12 - 5:51)

O segundo grupo que eu acho que pode se beneficiar desse curso são aquelas pessoas que já entraram na ante-sala, já sabem de que se trata, mas não sabem ainda qual é o combustível que tem para investir nessa vida de estudos. Ou seja, ele quer entrar no ambiente, mas não sabe bem por quê, nem como, não sabe que roupa vestir, digamos assim. E o terceiro grupo ao qual esse curso, na minha impressão, se destina, são aqueles que já começaram a estudar, mas por algum motivo pararam, empacaram, não sabem para onde ir, não sabem como se orientar dentro desse local que eles já estão.

(5:52 - 5:58)

O curso terá quatro aulas. Essa aula será um pouquinho mais teórica. Peço um pouquinho de paciência a vocês, a aula é importante.

(5:59 - 6:09)

Se possível, não pule ela e vá para a segunda de uma vez. E a partir da segunda aula, já começa a ser mais prática, eu vou dar algumas sugestões. Então, talvez seja até mais dinâmico.

(6:10 - 6:43)

Nessa aula, eu vou passar um pouquinho sobre a ideia de educação, seus objetivos, e vou terminar definindo, então, o que é, na minha concepção, uma definição provisória, sujeita a

modificações ao longo da pesquisa, o que é vida intelectual. Na segunda aula, eu vou falar sobre propósitos, sobre motivação. Na terceira aula, eu vou trazer algumas sugestões para quem está começando, vou tentar traçar o que eu chamo de mapa do território, o campo de trabalho, na linguagem do Padre Sertilange, e, por fim, na última aula, eu vou falar um pouquinho sobre leitura.

(6:43 - 7:04)

Dar algumas sugestões para aproveitar melhor as leituras, e não só as leituras, as outras fontes também, que são úteis para quem está estudando. Vida de Estudo não é feita apenas de leitura, é feita de discussões, é feita de aulas, de palestras. Muito bem, então, já podemos começar a aula pelo começo.

(7:04 - 7:15)

E, no começo, há o desejo. O desejo pelo conhecimento. Todos nós podemos testemunhar, de algum modo, esse desejo dentro da gente.

(7:15 - 7:55)

A gente não costuma parar para meditar sobre esse desejo que flui dentro de nós, mas é importante começar a pensar se esse desejo já tem alguma forma, qual é o objeto que tende a suprir esse desejo, essa sede, essa fome que nós temos pelo conhecimento. No comecinho da Metafísica, na primeira frase do livro I da Metafísica, Aristóteles colocou, talvez a frase mais famosa de toda a sua obra, ele diz que todos os homens tendem por natureza ao conhecimento. A frase em grego é *Panthesantropoi tu Edenai, Oregontai Fusei*.

(7:55 - 8:09)

E a palavra que significa conhecimento aqui nessa frase é *Edenai*. *Edenai* é saber, conhecimento. Então, nós nos inclinamos, de algum modo, naturalmente, como quem diz, mesmo sem saber, ao conhecimento.

(8:10 - 8:30)

E eu peço que você, então, analise isso dentro de você, qual é essa inclinação que você tem para o conhecimento. Essa inclinação se dirige, então, ao saber. A gente pode tratar o saber, aqui, para os fins desse curso, como a posse intelectual da verdade das coisas.

(8:32 - 9:08)

Então, assim como nós desejamos, eventualmente, ocasionalmente, ter nas mãos um alimento para saciar nossa fome, assim como desejamos nos unir a uma outra pessoa para usufruir dos benefícios de uma vida comum, nós também desejamos, naturalmente, nos inclinamos, naturalmente, a possuir, intelectualmente, a verdade das coisas. Acontece que esse desejo, ele não vem com um mapa, ele não vem com um roteiro, ele não vem com uma receita. É um desejo como a fome.

(9:08 - 9:23)

A fome não indica, a princípio, fome de quê. A criança, por exemplo, ela não sabe ainda qual é o alimento que vai saciar e vai manter a saúde dela quando a fome chega. Ela apenas chora.

(9:24 - 10:10)

Então, o adulto já tem experiência suficiente para selecionar na geladeira ou no balcão da lanchonete qual é o alimento que lhe apraz naquele momento que vai saciar sua fome.

Acontece que essa inclinação intelectual, esse desejo, não é fácil de você discernir qual vai ser o alimento intelectual, qual vai ser o tipo de conhecimento, o ritmo e o combustível, ou seja, a gradação que você vai imprimir a essa busca. E como que esse desejo vai ganhando forma? Naturalmente, o próprio Aristóteles também disse que nós somos animais políticos, nós somos seres sociais, nós nascemos, vivemos e morremos na cidade.

(10:11 - 10:49)

É natural, então, que no confronto, que no contato com as demais pessoas, no contato com a transcendência, no contato com o mundo material, esse desejo vai ganhando forma. Nós vamos, aos poucos, tendo, então, noção de que esse desejo se inclina, percebam, para suprir uma deficiência, uma privação que nós temos desse conhecimento, levando em vista aquilo que nós vivemos. Assim aparece, assim começa a surgir a forma desse desejo pelo conhecimento que surge, então, percebam, surge como um dever.

(10:50 - 11:37)

Nós não sabemos a que nos ater no contato com as pessoas, nós não sabemos o que nos passa, então é natural que nós busquemos o conhecimento para viver melhor, para decidir melhor, para possuir intelectualmente a verdade das coisas e aí, ou vivermos mais pacificados conosco mesmo, ou agir melhor. Então, essa inclinação, percebam, a busca pelo conhecimento, de um modo geral, ela tem dois lados, pelo menos. Ela satisfaz o impulso íntimo nosso, ela satisfaz nossa sensibilidade, Aristóteles compara esse desejo pelo conhecimento, ele fala, prova disso, é o nosso prazer pelas sensações das quais a visão para ele prepondera.

(11:38 - 12:08)

Mesmo que nós não venhamos a usar as informações que o nosso olhar capta no ambiente, nós gostamos de ver as coisas, porque o olhar, segundo ele, e é evidente isso, nos mostra mais diferenças entre os objetos captados. Acontece que nós não somos apenas seres desejantes, e nós não somos apenas seres sociais. Nós também somos seres históricos.

(12:09 - 12:38)

E para usar uma expressão muito feliz do Julian Marias, que é o discípulo do Ortega e Gasset na Escola de Madri, nós também temos a nossa dimensão futurista. E pensando nessa dimensão histórica, passado e a dimensão futurista do ser humano, a gente entra de cabeça no tema da educação. Porque, perceba, essa inclinação ao conhecimento e a forma que esse conhecimento ganha em nossa vida, tem relação basicamente com a nossa vida presente.

(12:39 - 12:54)

Só que o aprendizado não se relaciona apenas com a vida que nós temos aqui, hoje. Isso é... Isso os animais também têm, como diz Aristóteles. Mas os animais não têm historicidade.

(12:54 - 13:07)

Os animais não têm essa dimensão futurista. E é aí que a educação entra. E para explicar isso com melhores intuições que as minhas próprias, eu vou invocar a Hannah Arendt.

(13:07 - 13:20)

Hannah Arendt é uma filósofa alemã que viveu boa parte do século XX. E, na minha opinião, o livro mais interessante dela é este daqui, chamado Entre o Passado e o Futuro. É um livro de artigos.

(13:20 - 13:37)

Um dos artigos se chama Crise na Educação. Esse artigo saiu numa coletânea, também, da editora Relógio d'Água. Ela está na companhia de outros dois autores interessantes, que é o Erick Weill e o Ortega e Gasset, além do Bertrand Russel.

(13:37 - 13:49)

Mas faz parte desse livrinho dela. Nesse artigo, ela trata da educação nesse sentido histórico. Ela está pensando em obrar Crise na Educação, em especial nos Estados Unidos, onde ela estava na época.

(13:50 - 14:54)

E ela fala que a educação, então, é um misto de conservação, ao mesmo tempo conservadora e revolucionária, ou criativa. A gente poderia dizer conservadora e criativa. Ela diz, e essa concepção é muito interessante, que o professor é, então, o representante do mundo que está aí perante o aluno, perante as próximas gerações.

E ele é tanto mais professor ou melhor, ele só é professor genuinamente se ele se responsabiliza por esse mundo que está aí. O professor que se coloca diante dos alunos dizendo, olha, não tenho culpa de nada, o mundo está aí, mas a gente tem que mudar isso aí e não sei o quê, não se responsabiliza, não coloca os pés no chão e apresenta esse mesmo mundo para os alunos, não é, na visão dela, um professor. Não se trata aqui de um conformismo absoluto, se trata de se responsabilizar pelo que está aí.

(14:55 - 15:34)

Então percebam que o professor, o aluno, enfim, o ato educativo se coloca na confluência do passado e do futuro. O Elgen Rosenstock, esse, no seu livro A Origem da Linguagem, ele trata ali no comecinho de quatro doenças da linguagem e duas delas nos interessam aqui porque são doenças de sociedades cujas gerações mais velhas e mais novas não se conversam. Ele diz que a doença da tirania, por exemplo, é a doença da sociedade em que a geração mais velha não deixa a geração mais nova falar, exercer a sua criatividade.

(15:35 - 16:17)

Por outro lado, em algumas sociedades ocorre a doença da revolução, que é o contrário, são as gerações mais novas que não querem nem saber o que dizem os mais velhos. São dois tipos de doença que ele identificou em algumas sociedades que interrompem então esse fluxo da troca de tradições, ou seja, da transmissão da tradição e da influência evidente também que as novas gerações têm sobre a continuidade desse legado, dessa tradição. A Hannah Arendt traz na apresentação desse precioso livro dela um verso do poeta francês René Char.

(16:18 - 17:17)

Ela até diz que esse verso é um pouco enigmático, mas a parte clara desse verso já nos ajuda, já nos ilumina bastante o nosso caminho aqui. E esse verso dele, que se aplicava então à época dele, mas também se aplica à nossa sem dúvida, diz que nós recebemos uma herança que nos foi legada sem testamento. Ou seja, a tradição cultural é nosso patrimônio por direito, nós temos a posse de algum modo dessa tradição, nós temos acesso a isso, ainda mais hoje.

É tão fácil acessar sinfonias, obras de arte, enfim, poemas, está tudo na nossa mão hoje. Só que nós não temos, e eu acho que também se aplica a nós hoje, não temos o testamento

desses bens. O que é um testamento? Testamento é a regra que diz como será a distribuição e o uso da herança.

(17:19 - 17:54)

Então nós temos algo na mão que é nosso, mas não podemos, não sabemos como usar. É como nós temos os ingredientes para cozinhar, para fazer um bolo, para fazer uma torta, enfim, mas não temos bem a receita, a gente não sabe, está com aquilo na mão, todos os ingredientes estão bons, estão ali, a coisa funciona, mas eu não sei como fazer, eu não sei em que ordem colocar na panela, eu não sei se eu vou fritar, se eu vou assar, eu não sei, eu não tenho esse testamento. E essa metáfora é muito poderosa.

(17:55 - 19:10)

É muito poderosa porque ela indica qual que é a função, ou a função preponderante, segundo me parece, daquele que quer investir numa vida intelectual hoje, na vida de estudos hoje. É servir de elo, servir de elemento de transmissão desse legado. É, em outras palavras, tentar decodificar esse testamento.

Eu diria que esse testamento nos chegou em fragmentos, é preciso juntar essas pecinhas e tentar ler quais são as regras para o uso fruto desse patrimônio cultural. Porque do contrário, pensem bem, temos aí acesso a edições da Ilíada, temos acesso a Hamlet, Shakespeare, mas sem o testamento, para que nos serve isso? É como peça de museu, a gente pode achar muito bonito ler, mas beleza, que legal é Homero, ou quem quer que tenha escrito sob o nome de Homero, a Ilíada. É muito bonito, reflete a expressão das impressões sobre a guerra de Troia e não sei o que, mas como isso nos serve hoje? Essa herança nos foi legada sem testamento.

(19:11 - 19:46)

Nessa mesma apresentação que ela faz ao livro dela, ela invoca uma outra imagem interessante que talvez explique melhor, para quem ainda não entendeu, a importância desse testamento, nessa herança. Ela diz que todo fato, todo acontecimento, todo conhecimento, também diria eu, enfim, todo conjunto da tradição precisa receber na mente individual um acabamento. Isso é interessante, meditei muito sobre isso quando tive acesso a essa apresentação.

(19:47 - 20:35)

Esse acabamento, me parece, ela não explica exatamente em que consiste, mas pensando, me parece que é a imagem, a imagem que fica na nossa inteligência, na nossa mente, na imaginação, como queira, daquilo que nós aprendemos da cultura e da tradição. Essa imagem como uma tradução dessa tradição, dessa cultura, é que é capaz de ser transmitida. Ou seja, só quando você assimila a tradição e faz, então, um acabamento, uma imagem, talvez uma imagem esteticamente bela na sua cabeça, é que você se habilita, então, a ser esse agente de transmissão desse conhecimento.

(20:36 - 21:00)

No finalzinho do seu famoso livro Democracia na América, Alexis de Tocqueville fala uma frase que ela mesmo transcreve em um dos artigos desse livro. Ele diz que quando o passado não joga luz sobre o futuro, a mente dos homens anda nas trevas. É um pouco isso, é a interrupção desse fluxo que nós presenciamos.

(21:01 - 21:48)

Não sou capaz de dizer se hoje nós vivenciamos isso num nível mais periclitante do que nossos pais, nossos avós, me parece que sim, mas, enfim, de algum modo, por algum motivo, parece que esse fluxo foi interrompido. Voltando a essa ideia da imagem, do acabamento na mente, que significa, então, o resultado, a consumação da busca pelo conhecimento e pela tradução dele numa imagem potente na nossa mente, me parece que eu não estou muito longe de postular que o professor Olavo de Carvalho, quando definiu a filosofia, ele passou perto disso aí. Veja, a filosofia é a radicalização da busca pelo conhecimento.

(21:49 - 22:16)

A busca pelo conhecimento comporta graus. E essa busca pelo conhecimento, para ser transmitida para as próximas gerações, ela exige que haja um acabamento na mente do indivíduo que assimila. Portanto, se a filosofia é a busca pela unidade do conhecimento na unidade da consciência e vice-versa, me parece que está quente aí, como dizem as crianças brincando.

(22:16 - 22:29)

Está quente. Estou perto dessa ideia. É a ideia de você traduzir o conhecimento numa unidade que é, de algum modo, inserido numa mente que também se unificou.

(22:30 - 22:46)

E o vice-versa é a capacidade que essa mente unificada tem de transitar no meio do mundo, tendo essa imagem do conhecimento unificado dentro de si. É só uma suposição. Preciso pensar melhor sobre esse assunto.

(22:46 - 23:18)

Mas a ideia do acabamento, que é necessário para a transmissão do conhecimento para as gerações seguintes, me cativou bastante. Me lembrou também o finalzinho do diálogo Fédero de Platão, em que ele traz a imagem do semeador, do dialético, do filósofo como semeador, que tem ali umas sementes mais preciosas. Algumas ele joga de brincadeira, que são os escritos, e outras sementes esse filósofo investe nos alunos que têm a alma apropriada.

(23:19 - 23:59)

Essa semente também me parece de alguma forma ser esse acabamento que o dialético, então, passou por aquele longo processo formativo que ele descreve como sugestão para a cidade ideal na República. Esse acabamento na mente é essa semente, então, que o educador lança na mente do aluno apropriado. Platão, na carta sétima, ele diz ali, é uma passagem curiosa, que me despertou muita curiosidade, ele diz que ele aplicou uma prova a Dionísio para saber se ele era capaz de ser aluno dele.

(24:00 - 24:22)

E ele não passou na prova. No teeteto, também, Sócrates, na verdade, Platão coloca Sócrates conversando com o teeteto e dá sinais ali de que Sócrates é capaz de eleger o aluno ideal também. Platão tem ali uma playhead de alunos, alguns fracassados, algumas promessas não cumpridas, como Alcibiades, tem também o Cármes, enfim.

(24:22 - 24:51)

Mas, voltando aqui, então, essa herança sem testamento é nosso dever decodificar a forma de usufruir dessa mesma herança, decodificando então, esse testamento que nos foi legado,

mas nós não conseguimos decodificá-lo. Muito bem. Acontece que isso, por si só, não explica muito bem o que estamos fazendo quando falamos de educação.

(24:52 - 25:35)

Basicamente, existem três formas de ser humano. O Mortimer Adler, ele tem o mais famoso livro dele, é o Como Ler Livros, mas ele tem um livrinho muito simpático sobre Aristóteles, chamado Aristóteles para Todos, em que ele tenta ali resumir a obra de Aristóteles em três vertentes, que ele chama de o homem como conhecedor, o homem como agente, ou como ator, e o homem como fazedor. Essas três dimensões, todos nós a exercemos em alguma medida e em cada uma dessas atividades nós nos sujeitamos, nós nos inspiramos em um valor diferente.

(25:36 - 26:07)

O homem como conhecedor, ele se inspira no valor da verdade, buscando evitar o erro. O homem como agente, ele atua na dimensão social, tentando prevalecer o valor do bem, da justiça, evitando, então, cometer um ato moralmente iníquo, enfim, justo. E o homem como fazedor, ele trata com o mundo material, buscando os valores da utilidade e da beleza, basicamente.

(26:10 - 26:39)

Então, essas três formas são as três formas através das quais a educação vai se transmitindo. E buscar-se aprimorar em cada uma dessas três atividades é uma forma de ter mais liberdade. O próprio Aristóteles diz na Metafísica que é possível você ser um excelente profissional em cada uma dessas três dimensões da vida humana apenas pela experiência.

(26:40 - 27:29)

Esse livro 1 da Metafísica, vale a pena dar uma olhadinha, nem sempre a linguagem é de fácil acesso, mas basicamente ele diz que o conhecimento acontece assim, a gente absorve os dados dos sentidos, esses dados, eles vão se acumulando, então, na nossa memória e a memória organizada ela se transforma com o tempo em experiência. E muitas pessoas, de tanto fazer algo, de tanto presenciar alguém fazendo algo, desenvolvem habilidades no nível da experiência. Ele diz, muitas pessoas agem por experiência e conseguem resultados muito melhores do que aquele que sabe apenas pela teoria.

(27:30 - 28:02)

Enfim, saber por experiência não é qualquer coisa, mas não é ainda o saber de que ele trata na Metafísica. A partir da experiência, o homem vai, aí sim, galgando os degraus do saber e vai construindo, então, um conhecimento ancorado em princípios eternos. Então, caminhar em direção a esses princípios, caminhar em direção às causas, em direção à explicação das coisas, ser capaz de ensinar é característica do sábio, do sophos.

(28:03 - 28:46)

Quanto mais você vai subindo nessa hierarquia de conhecimento, mais livre você é, porque maior é sua posse dessa verdade, a posse intelectual da verdade das coisas. Aquele que sabe por experiência, bom, ele pode acertar muitas vezes, mas ele não tem a liberdade daquele que sabe por experiência e por teoria. Então, buscar o conhecimento em cada uma dessas áreas e aí você já pode ir matutando consigo mesmo em qual das três áreas você mais se

interessa, me parece que quando se fala em vida intelectual as pessoas pensam que, bom, então eu só posso tratar da primeira área, o homem como conhecedor.

(28:48 - 29:18)

Evidentemente, aquele que quer investir pesado nos estudos, ele vai enfatizar essa dimensão da vida humana, a busca da verdade, a posse intelectual da verdade das coisas. Mas é possível também caminhar na dimensão do homem como agente, na dimensão do homem que atua na sociedade, na dimensão ética, caminhar também nessa dimensão em direção ao conhecimento. É possível ser sábio também nessa dimensão, assim como também é possível ser sábio na dimensão do homem como fazedor.

(29:21 - 29:59)

Então, entendam que buscar o conhecimento nessas áreas é de algum modo uma alternativa ou uma opção, cada um é livre para buscar ou para não buscar, mas é de algum modo ter maior liberdade de ação em cada uma dessas áreas. Então, uma das teses que eu trouxe para trabalhar aqui é a seguinte, somos chamados a ser o elo entre o passado e o futuro, percorrendo, assimilando e preservando os três caminhos nos quais exercemos nossa humanidade. Fica essa tese para vocês meditarem.

(30:00 - 30:24)

Fica essa tese para vocês meditarem, e eu trouxe alguns elementos sobre elas. A propósito, esses três âmbitos da vida humana podem ser simbolizados por uma cruz. No eixo horizontal, a gente teria, então, de um lado, o indivíduo, do outro, a sociedade ou as outras pessoas, e esse eixo seria o eixo da dimensão ética.

(30:25 - 31:03)

No eixo vertical, teríamos, na parte superior, a transcendência, a divindade, o mundo das ideias platônico, em que o homem se relaciona com aquilo que é imutável, que é transcendente, e no eixo vertical inferior, estaria o mundo material, onde o homem busca, então, a utilidade, a circulação de bens, o embelezamento do mundo. Cada uma dessas três áreas é trabalhada por Platão, por exemplo, na República. Eu mencionei aqui que ele tem um plano educativo para a cidade ideal, e cada uma das classes que ele coloca na República se dedica preponderantemente a uma dessas áreas.

(31:05 - 31:46)

Muito bem, nossa Constituição também traz, de um modo muito intranscendente, na minha opinião, mas ela traz, no capítulo da educação, no artigo 205, ela coloca como objetivos da educação, basicamente, essas três áreas. Só que quando ela fala da dimensão ética, por exemplo, ela fala em cidadania, que, na minha opinião, hoje é uma palavra que está muito desgastada e não passa a mensagem. Falar que o homem, na dimensão ética, busca apenas ser um bom cidadão, hoje em dia a gente pensa, bom, o que é um bom cidadão? É aquele que não joga lixo na rua, parece uma coisa assim, é uma dimensão muito pobre.

(31:46 - 32:01)

A palavra perdeu um pouco o sentido que tinha na Grécia Antiga. Mas, enfim, só para dizer que a Constituição também trata desses três objetivos da educação. A vantagem dela, apesar da linguagem intranscendente, é que ela não entra nessa briga.

(32:02 - 32:20)

Existe uma briga de foice no escuro entre diversos grupos que brigam entre si pelo protagonismo da educação. Alguns acham que a educação deve ser apenas ou preponderantemente preparação para o trabalho. Essa é uma das dimensões que a Constituição coloca.

(32:21 - 32:42)

Ela, pelo menos, deixou as três dimensões abertas para serem trabalhadas pela educação formal. A verdade é que a educação formal tem falhado miseravelmente. Eu não estou aqui para passar um relatório atual do Estado de Saúde da Educação.

(32:42 - 32:59)

A gente sabe que ninguém mais se assusta quando um candidato a prefeito, recentemente, disse que se ele fosse eleito ele iria analfabetizar a população do município. Ninguém mais se estranha disso. Claro que foi um ato falho dele, mas ele, sem dúvida, disse o que de fato está acontecendo.

(33:00 - 34:00)

As escolas estão analfabetizando as pessoas e a pergunta que se faz é por que mesmo aqueles que percebem esse problema não se dão conta da necessidade de buscar uma educação por fora? De investir numa educação que ultrapasse esse estado periclitante da educação formal? Eu tenho, pelo menos, duas suspeitas. Por que as pessoas, mesmo tendo consciência disso, não investem o tempo delas, o dinheiro delas, a energia delas numa vida de estudos? A primeira hipótese é que as pessoas ainda têm muito receio, muito medo, muita preguiça, talvez, desconfiança daquilo que não é oficial. O professor José Mourinho Násser, quando fez o prefácio do livrinho da irmã Miriam Joseph, o Trivium, ele trouxe ali uma lei geral da educação.

(34:00 - 34:20)

Ele trabalhou ali uma suposta lei geral. Ele disse que a capacidade de educar uma pessoa é inversamente proporcional à oficialidade do ato. Quer dizer, quanto mais burocracia, menos educação.

(34:21 - 34:29)

Menor a capacidade de educar uma pessoa. Quanto mais formalidades, menos educação, digamos assim. E ele continua.

(34:30 - 34:52)

E é diretamente proporcional à liberdade de adesão do indivíduo. Então a gente poderia dizer, numa fórmula que pode ser um pouquinho ingênua, mas quanto mais liberdade, mais educação. Essa lei, veja, olhando liberdade com cuidado aqui.

(34:52 - 35:07)

Não se trata de uma anarquia, é preciso ter método. Mas essa lei nos parece razoável. Quanto mais burocracia, quanto mais papelzinho para preencher, quanto mais fichinha para preencher, menor é a capacidade de educar uma pessoa.

(35:08 - 35:28)

Um ambiente muito burocratizado, muito formalizado, a educação não costuma funcionar muito aí. Porém, essa lei geral parece que não pegou no Brasil. As pessoas têm um medo imenso daquilo que não é oficial, daquilo que não é formalizado, daquilo que não vai redundar num diploma, daquilo que não tem certificado.

(35:28 - 36:03)

As pessoas têm uma preguiça, têm uma desconfiança de entrar em projetos em que a educação flui com mais liberdade. Agora, o problema que me parece mais crucial, o que afasta muitas pessoas dessa via alternativa da educação, da autoeducação, a gente pode chamar de autoeducação, é que algumas pessoas não passaram pela experiência da admiração, do espanto. Ou se passaram, fizeram como aquela personagem da Clarice Lispector no conto Amor.

(36:04 - 36:24)

Ela é uma dona de casa, o conto se passa num dia da vida dela, ela vai para a rua fazer compras e encontra um mendigo. E ali ela tem uma experiência muito bem descrita pela grande escritora que é a Clarice Lispector. E ela fica atormentada durante aquele dia, não sabe o que fazer com aquilo.

(36:24 - 36:58)

E ela chega em casa, está lá o marido dela e não sei o que, e no fim do dia, não sabendo o que fazer, com aquela chama que acendeu dentro dela, ela sopra essa flama, ela sopra aquela flama do dia que surgiu nela. Muitas pessoas, ainda que passem pela admiração, pelo espanto, que é o início da filosofia, apagam essa chama, não querem saber dela. Tem um certo medo, tem um receio de entrar nesse vespeiro, isso aí pode ser fantasia, maluquice, não querem entrar nesse terreno.

(36:59 - 37:45)

A admiração e o espanto, é o mesmo fenômeno com nomes diferentes, elas foram mencionadas por Platão, por exemplo, no diálogo Teteto, e também por Aristóteles na Metafísica. Eu tenho a impressão que quem não tem afeição com leituras filosóficas, quando ouve falar que a admiração, que o espanto é o começo da filosofia, a minha impressão é que as pessoas devem imaginar como aquele quadro do Edvard Munch, O Grito, daquela mulher na beira de um rio, desesperada, ou aquele outro quadro do Gustave Colbert, O Homem Desesperado, um cara meio desesperado, meio em desespero. Bom, a admiração não é nada disso, apaga essa imagem da cabeça.

(37:45 - 38:17)

A admiração é, de fato, algo que nos atordoa, é algo que nos desloca da nossa zona de conforto, mas ela é mais complexa do que um susto, do que um desespero, é muito mais que isso, na verdade. Esse conto da Clarice Spector, de algum modo, ele coloca a gente no caminho da admiração, no que é a admiração, de que os antigos falavam. Para explicar o que é essa admiração, eu vou invocar a ideia de cosmovisão, de visão de mundo.

(38:18 - 39:10)

Hoje tem certa vertente protestante que está explorando essa ideia da cosmovisão, um pouco na linha do William Dutty, mas eu não vou por aí. Eu caminho nesse assunto, mas junto com o Ortega e Gasset, naquilo que ele diz no livrinho dele, Ideias e Crenças, ou do próprio Julian Marias, um outro cara bom também que fala sobre isso, é o Joseph Pieper, tem dois livrinhos preciosos, um chamado Que É Filosofar, e o outro, que eu só achei em espanhol, que chama Defesa da Filosofia. O que é a cosmovisão? Todos nós temos cosmovisão, é um nome meio complexo, mas a pessoa mais simples tem a sua cosmovisão, tem a sua visão de mundo, tem as suas ideias e crenças, que isso nada mais é do que o conjunto de ideias que nós temos sobre a vida, sobre a realidade.

(39:11 - 39:35)

É como que um conjunto de juízos, de ideias, de crenças que temos em nós, com os quais nós vamos etiquetando o mundo, e indicando como agir, a que se ater, e como agir diante de cada circunstância, de cada pessoa. Então, diante de tal pessoa, eu reajo assim. Por quê? Porque é melhor fazer assim, por isso e por aquilo.

(39:36 - 39:59)

Se acontecer aquilo, eu ajo assim. A vida humana é isso, por isso e por aquilo. Cada pessoa tem a sua cosmovisão, a sua fórmula própria, e cultiva, isso é importante, cultiva essa cosmovisão por uma razão muito interessante, muito especial, porque nós queremos viver numa espécie de homeostase com a realidade.

(40:00 - 40:34)

Então, a cosmovisão serve como uma zona de amortecimento entre nós e a realidade. É como se nós não quiséssemos passar muito susto, não quiséssemos nos sentir como pessoas injustas, como pessoas más. Então, a gente vai dando justificativas para aquilo que a gente faz ou fez, e vai montando, então, essa cosmovisão, assim eu chamo esse conjunto de ideias, eu vou um pouco mais longe do que Ortega Gasset, do que Rogelio Marias, porque eu estou tratando de outro assunto aqui, mas é esse conjunto de ideias.

(40:34 - 41:39)

E o espanto, a admiração, ele vem para furar, para fissurar esse conjunto de ideias e crenças que nós temos. Ele nos mostra que a realidade, isso acontece num momento especial ou em alguns momentos especiais da vida, nos mostra que a realidade é um pouco mais complexa do que nossas ideias pareciam dizer. Então, acontece esse momento em que nós, como que nos afastamos, nós damos um passo atrás, opa, dizemos assim, o que está acontecendo? Como assim, né? Por algum motivo, nós não encontramos um remendo para colocar nessa cosmovisão, então, nós nos afastamos, então, do ser, dos acontecimentos, e como que contemplamos a ideia que nós tínhamos daquela circunstância, acontecimento, contemplamos o acontecimento, e aí? É o começo da filosofia, da busca pelo conhecimento, justamente porque entendemos que há aí uma privação, falta algo em nós.

(41:40 - 42:30)

Nós temos, então, quando passamos por essa experiência, em alguns casos é mais dramática, em outros menos dramática, mas todo aquele que busca o conhecimento já passou por isso em alguma medida, nós temos consciência de uma privação. Eu falo muito de Platão porque eu faço mestrado na área, mas assim, Platão explica muita coisa mesmo, né? No Banquete,

por exemplo, Banquete é um encontro ali entre os amigos de Sócrates, Sócrates chega um pouco atrasado, Obsibídeo chega depois, estão ali discutindo sobre Eros, sobre o amor, e cada um dos convivas, cada um mais tonto que o outro, mais chapado que o outro, tem a chance de falar sobre o amor. E o Aristófanes, por exemplo, o comediógrafo conhecido, ele traz uma historinha para tentar explicar a origem de Eros.

(42:31 - 43:07)

E ele diz, antigamente nós vivíamos em outro corpo, nós vivíamos em um corpo que tinha quatro braços, quatro pernas e não sei o que, e porque nós desafiávamos os deuses, nós fomos punidos. Os deuses queriam evitar que nós os desafiássemos de novo, então nós fomos punidos com a divisão do nosso corpo. Então se hoje nós temos duas pernas e dois braços, é porque nós fomos divididos, então temos uma nostalgia, uma saudade dessa outra metade que nós então buscamos.

(43:07 - 43:58)

O Eros é essa força, então, que nos impulsiona em direção a uma outra pessoa, que na verdade era a carne da nossa carne. Ali no Banquete, esse discurso, o pessoal não leva muito a sério o discurso, cada um discursa e passa para o outro, não é um concurso, mas enfim, não prevalece essa ideia, mas ela serve, como tudo em Platão, para fertilizar a nossa imaginação e nos levar a refletir sobre a vida. Platão equipara Eros à filosofia, a filosofia é um tipo de Eros, então essa busca pela outra metade, que outrora era nós mesmos, se equipara à busca pelo conhecimento que, segundo Platão, com o qual outrora tivemos contato.

(43:58 - 44:29)

Ou seja, para Platão, conhecer é rememorar. Então, o mesmo impulso que nos leva a buscar essa metade que nos falta, o Eros, nos leva também, pelo espanto, pela admiração que instaura esse desajuste entre as ideias e o mundo, nos impulsiona a buscar o conhecimento, a buscar o saber. Então, a filosofia é resultado da consciência da ignorância, por isso que uma vida de estudos deve levar em conta essa privação.

(44:29 - 44:58)

Eu sugiro, então, a vocês que rememorem um pouco a sua vida até aqui e vejam se, por acaso, em algum momento você teve consciência de que, caramba, alguma coisa está faltando aqui, alguma coisa desajustou depois dessa experiência. Parece que eu bati a cabeça e não estou entendendo mais o que está acontecendo. E é aí, então, talvez seja aí que você começou a buscar o conhecimento e ainda não tomou exata consciência disso.

(44:58 - 45:52)

Buscar esses momentos é importante, por quê? Porque, segundo também os gregos, a arquê das coisas, a origem das coisas, tem a ver com sua essência. É por isso que aos casais em crise se recomenda lembrar da época do namoro, lembrar da época do noivado, se lembrem quando vocês se casaram, como era lindo, como vocês se amavam, de tal forma, voltar à origem, ou seja, voltar ao início da sua busca pelo conhecimento, se você está perdido ainda nesse mundo da busca pelo conhecimento, é um modo de você tentar voltar ao caminho que você começou a trilhar, mas talvez nem lembre bem por quê, qual é a direção que você vai tomar. A direção que o espanto indica é a direção correta, porque é a direção que acometeu a você.

(45:53 - 46:27)

É importante distinguir isso também, a sua vida de estudos não paira no ar abstratamente, ela deve ser fincada com os pés no chão da sua própria vida. Na segunda aula eu vou tratar mais disso, mas é preciso saber que existem graus na vida intelectual, e nem sempre você é vocacionado para chegar no grau de sábio. Então, voltar ao seu espanto é um modo de voltar aos trilhos, porque é ali a estação inicial da sua busca pelo conhecimento.

(46:28 - 47:23)

O Martin Heidegger trabalha bastante a ideia do espanto, da admiração, ele pega um trecho do Teteto e trabalha a ideia de pathos, que é disposição, então essa admiração que instaura em nós essa busca seria uma disposição que nasce em nós para o conhecimento, é uma tonalidade afetiva que nos leva em direção ao conhecimento. Com isso nós estamos prontos para definir, para trazer a definição provisória de vida intelectual. Eu digo então que vida intelectual é a busca pessoal, automotora, iniciada por um desajuste que consolida no indivíduo a disposição de atualizar suas virtudes intelectuais mais ou menos latentes.

(47:24 - 48:09)

Essa é a definição mais enxuta, ela ficou muito grande, eu parti ela em dois, mas a essência está aqui. Mas para explicar um pouquinho melhor, eu diria, coloco um tracinho e digo, essa busca busca que, salvando suas circunstâncias pessoais, colaborarão para que você exerça sua vocação e cumpra dessa forma o sentido único da sua vida. Veja que essa definição que eu trouxe aqui, ela tem uma tonalidade muito forte das lições do padre Antônio Sertilange, aqui também você consegue rastrear Ortega e Gasset, enfim, tem algumas referências aqui que vão ficar mais claras na próxima aula, mas já se insinuaram aqui.

(48:10 - 48:32)

Então, eu gostaria de dizer aqui, de advertir, que esses estudos que eu tenho feito, eles são feitos dentro de um ambiente no qual eu vivo. Eu convivo com pessoas em torno do professor Olavo de Carvalho, eu vivo entre conservadores e liberais. Essa definição talvez seja muito estranha, por exemplo, para um militante do PSOL.

(48:32 - 49:10)

O cara vai ali e diz, que história é essa? Não tem nada a ver com faculdade, com universidade, que história é essa de sentido da vida? É um negócio muito estranho, mas enfim. Me parece que as pessoas que estão em torno desse curso, que estão frequentando esse site, vão se identificar, pelo menos parcialmente, com essa ideia, que não é minha. A definição foi eu que trouxe aqui, eu que acunhei de algum modo, mas ela tem os pés em diversos autores que são conhecidos, e me parece que ela nos ajuda a delimitar, então, um pouco esse território, esse terreno no qual nós vamos nos movimentar, nas próximas três aulas.

(49:12 - 50:19)

E nos ajuda, então, a ter já alguns sinais de quais são os propósitos, qual que é a ideia em torno dessa vida intelectual, que, a propósito, eu prefiro chamar de vida de estudos, ou de autoeducação. Por que a expressão vida intelectual? Bom, ela é boa, ela indica, de fato, um pouco da essência, mas também aqui é preciso ter cuidado com o desgaste da palavra. Vida intelectual, para algumas pessoas, afasta, porque a pessoa imagina que ela vai se tornar uma

pessoa carrancuda, estuda 14 horas por dia, que fica afundada dentro dos livros, bom, em parte é isso também, mas essa imagem do intelectual, ela é um pouco desgastada, talvez seja melhor variar um pouco o termo para designar essa vida, como vida de estudos, como autoeducação, que aproxima outras pessoas, que torcem um pouco o nariz para a ideia da intelectualidade, que durante muito tempo, de fato, não fez uso a esse nome e acabou contaminando um pouco esse termo, afasta algumas pessoas que têm, de fato, algum tipo de vocação para os estudos.

(50:19 - 51:09)

Então, eu destacaria aqui dessa definição, que é autoexplicativa, a ideia da busca automotora, isso quer dizer que é você quem tem que se impulsionar, não vai ter ninguém ali, seu pai, sua namorada, tem que estudar, tem que estudar, não tem isso, é você que tem que criar uma espécie de motor interno, eu vou explicar um pouco como funciona isso na próxima aula, mas é você que tem que desenvolver internamente a capacidade de se automover, isso é muito importante. Um outro destaque que eu faria na definição é a ideia de ato e potência. Para quem não está afeito a esses dois termos, isso foi uma criação de Aristóteles para tentar resolver o problema ali que caiu no colo dele, da discussão entre Parmênides e Heráclito.

(51:09 - 51:46)

Ele explicou o movimento, que era uma grande questão intelectual na época, com a ideia de ato e potência. Para simplificar as coisas, imagine que potência são as sementes são os dons, são os talentos que você traz dentro de você, traz consigo, e que você tem, de algum modo, o dever de desenvolver. E ato, o ato é a planta, é a planta já crescida, é o florescimento, então, dessa semente que você, com algum custo, com algum sofrimento, com alguma restrição, com certeza, conseguiu regar e transformar em uma planta viçosa durante a sua trajetória.

(51:47 - 52:21)

E, por fim, a ideia de responsabilidade está muito clara também aqui, ou seja, parafraseando o Arregui Gasset, que diz que é filósofo quem não pode ser outra coisa, eu diria, então, que entra nessa vida de estudos aquele que não pode fazer outra coisa. Para quê? Para atualizar suas potências. Naquele imenso número de graus, em que a pessoa pode ir desde a experiência até a sabedoria, você vai acabar se localizando ali em um desses estágios.

(52:21 - 52:39)

Mas é a única forma que você tem, se é que você tem, a proposta que você medita sobre isso, é a forma que você tem, ou que talvez tenha, de ser a pessoa para a qual você nasceu para ser. E, por falar nisso, a gente já entra no tema dos propósitos, que é o tema da próxima aula.